



Análise da dimensionalidade da escala esperança no trabalho com alunos ensino secundário

Analysis of the dimensionality of work hope scale with secondary school student

Francisca Duarte, José Tomás da Silva, Maria Paula Paixão
Universidade de Coimbra

Resumo

Integrada no conceito mais geral da *Esperança*, a esperança no trabalho tem sido conceptualizada como o recurso fundamental na promoção do funcionamento ótimo do indivíduo no contexto do trabalho. O objetivo deste estudo é analisar a dimensionalidade da Escala Esperança no Trabalho com uma amostra de 490 estudantes a frequentar o ensino secundário Português. A escala evidencia bons índices de consistência interna e de validade de constructo. Existem diferenças significativas entre grupos, em especial ao nível do género e do tipo de via de ensino.

Palavras-chave: ensino secundário, esperança no trabalho, desenvolvimento vocacional, aconselhamento de carreira.

Abstract

Integrated into the more general concept of hope, the work hope has been conceptualized as the key resource in promoting of the individual good operation in the context of the work. The aim of this study is to analyse the dimensionality of the Work Hope Scale with a sample of 490 Portuguese students attending the secondary schools. The scale shows good levels of internal consistency and construct validity. There are significant differences between groups specially between the gender and the type of education pathway.

Keywords: secondary education, work hope, vocational development, career advice.

A *esperança* é um conceito que tem, recentemente, suscitado o interesse crescente dos investigadores. Apesar de a *esperança* ter sido estudada desde a Antiguidade e de várias conceptualizações e modelos de que foi alvo ao longo dos tempos, é com Snyder *et al.* (1991) que se encontra o modelo mais utilizado, o modelo tripartido. Estes autores, no desenvolvimento e modo de avaliar o constructo, definem *esperança* como uma cognição direcionada a um objetivo, acompanhada da capacidade de definir trajetórias para o atingir e da motivação necessária para as percorrer.

De acordo com a teoria de Snyder (1994), a *esperança* é um constructo que possui três componentes: objetivos (Goals), caminhos (Pathways) e agenciamento (Agency).

O conceito de caminhos (Pathways) refere-se à noção de estar apto para identificar e/ou definir planos

bem-sucedidos que vão ao encontro dos objetivos desejados (Snyder *et al.*, 1991) e traduz-se na sensação de planear bem para o alcance dos objetivos pessoais. O conceito de agenciamento (Agency) constitui a componente motivacional da teoria da *esperança* que se traduz numa elevada persistência, nomeadamente perante dificuldades e obstáculos (Snyder, 2000), sendo definida como a sensação de triunfo na consecução desses objetivos. Esta componente refere-se à percepção subjetiva de sucesso no alcance dos objetivos no passado, presente e futuro (Snyder *et al.*, 1991). Existem, por isso, três componentes, mas apenas duas formas de pensar, operacionalizadas pelos caminhos e pelo agenciamento, caracterizando-se a *esperança* como um constructo bidimensional (Pedrotti, Edwards & Lopez, 2008). Primeiro, o indivíduo acredita ser capaz de elaborar alternativas para a resolução de conflitos e, segundo, demonstra agência ao se aperceber que possui as capacidades necessárias para alcançar os objetivos delineados. Ambos os componentes são aditivos, recíprocos e positivamente relacionados, levando a resultados bem-sucedidos (Snyder *et al.*, 1991).

Segundo Snyder (2000), a *esperança* implica um sistema dinâmico, cognitivo e motivacional que pode ser conceptualizado em termos da capacidade percebida de gerar caminhos para os objetivos desejados e de agir através do agenciamento para percorrer esses caminhos. Sujeitos com níveis elevados de *esperança* possuem um maior número de objetivos em várias áreas da sua vida do que sujeitos com níveis baixos de *esperança* (Snyder *et al.*, 1991).

Ao longo do tempo foram concebidos diversos instrumentos para medir a *esperança* em várias faixas etárias, revelando bons índices de consistência interna, como por exemplo, a *Hope Scale* (Erickson, Post & Paige, 1975), a *Expected Balance Scale* (EBS: Staats, 1989), a *Hope Index* (Staas, 1989), a *Adult Dispositional Hope Scale* (Snyder *et al.*, 1991), a *Adult State Hope Scale* (SHS; Snyder *et al.*, 1996), a *Children's Hope Scale* (CHS; Snyder *et al.*, 1997), a *Work Hope Scale* (WHS: Juntunen & Wettersten, 2006).

Vários estudos apontam a relação entre a *esperança* e o desempenho académico (Kenny, Bluestein, Bempechat

& Seltzer, 2010; Snyder, Cheavens & Michael, 1999; Snyder et. al., 2002), a identidade vocacional (Diemer & Blustein, 2007; Jackson & Neville, 1998; Juntunen & Wettersten, 2006), o desempenho profissional (Peterson & Byron, 2008), e as estratégias de *coping* (Gum & Snyder, 2002).

Em relação à *esperança no trabalho*, trata-se de um conceito que tem, igualmente, suscitado o interesse crescente dos investigadores. Juntunen & Wettersten (2006), inspiradas no modelo de Snyder, estudaram a esperança aplicada ao contexto do trabalho e desenvolveram a *Work Hope Scale (WHS)*. As autoras apresentaram evidências de validade convergente e discriminante, e estabeleceram a estabilidade da WHS.

O presente estudo tem como objetivo analisar a dimensionalidade da escala esperança no trabalho com alunos do ensino secundário. Especificamente, pretendemos avaliar os índices de consistência interna da escala total e subescalas, obter indicadores do comportamento da escala ao nível da validade de constructo, e avaliar a existência de diferenças entre grupos ao nível da esperança (validade discriminante).

Método

Participantes

A amostra recolhida no âmbito deste estudo, e que pode ser examinada na Tabela 1, é composta por 490 estudantes a frequentar o 11º ano de escolaridade em escolas públicas da Região Centro de Portugal Continental, sendo 52% do sexo feminino e 48% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos ($M = 17.03$; $DP = .98$). Dos inquiridos, 89% tinham nacionalidade portuguesa, 2.4% nacionalidade de um país europeu, 2.2% nacionalidade de um país não europeu, 3.7 % dupla nacionalidade (portuguesa mais um país europeu) e 2.7 % dupla nacionalidade (portuguesa mais um país não europeu). Dos sujeitos, (41.6%) residiam em zona predominantemente urbana, (47.1%) medianamente urbana e (11.2%) predominantemente rural. Em relação à via de ensino, 50% dos estudantes frequentava os Cursos Científico-Humanísticos (ensino regular) e 50% os Cursos Profissionais (ensino profissional). No que diz respeito ao tipo de curso, os estudantes que frequentavam os Cursos Humanísticos estavam matriculados nos cursos: Artes Visuais (11.0%), Ciências e Tecnologias (14.5%), Ciências Socioeconómicas (12.2%) e Línguas e Humanidades (12.2%). Os estudantes que frequentavam os Cursos Profissionais distribuíam-se pelos cursos: Apoio Psicossocial (8.0%), Auxiliar de Saúde (8.4%), Eletrónica, Automação e Comando (3.7%), Gestão do Ambiente (4.7%), Manutenção Industrial (4.1%), Multimédia (5.1%), Proteção Civil (4.5%), Restauração (3.9%) e Sistemas Informáticos (7.8%).

Instrumentos. Neste estudo recorreu-se à utilização de dois instrumentos, o questionário sociodemográfico e a Escala Esperança no Trabalho, que passamos a descrever a seguir. O questionário sociodemográfico, elaborado pelos autores, continha questões como idade, sexo, área de residência, nacionalidade, via de ensino, tipo de curso, entre outras. A *Work Hope Scale - WHS*

(Juntunen & Wettersten, 2006; adaptação portuguesa: Atanásio, Paixão & Silva, 2013) é constituída por vinte e quatro itens, dos quais nove estão invertidos, que se encontram distribuídos por três subescalas: Agência (e. g., “Não tenho a capacidade para alcançar o que quero na vida profissional”), Trajetórias (e. g., “É difícil perceber como encontrar um bom emprego”) e Objetivos (e. g., “Não espero encontrar um trabalho que me dê satisfação profissional”). A subescala Agência é constituída pelos itens 2, 5, 8, 11, 12, 14, 16, 17 e 21; a subescala Trajetórias é definida pelos itens 1, 3, 6, 9, 10, 15, 19 e 22; e a subescala Objetivos é composta pelos itens 4, 7, 13, 18, 20, 23 e 24. Trata-se de uma escala de tipo Likert com cinco pontos de 1 (Raramente) a 5 (Muito Frequentemente), podendo os resultados variar entre vinte e quatro de pontuação mínima e cento e vinte pontos de pontuação máxima, com os valores mais elevados a apontar para índices superiores de esperança no trabalho. Juntunen e Wettersten (2006) obtiveram os seguintes Alfas de Cronbach: WHS (.93) e subescalas Agency (.87), Pathways (.68), Goals (.81).

Tabela 1.
Caracterização da amostra

Dados demográficos	N	%
Idade ($M = 17.03$; $DP = .98$; $Min = 15$; $Max = 20$)	490	100.0
Género:		
Masculino	235	48.0
Feminino	255	52.0
Zona de residência:		
Predominantemente urbana	204	41.6
Medianamente urbana	231	47.1
Predominantemente rural	55	11.2
Nacionalidade:		
Portuguesa	436	89.0
Europeia	12	2.4
Não europeia	11	2.2
Dupla (portuguesa + europeia)	18	3.7
Dupla (portuguesa + não europeia)	13	2.7
Via de ensino:		
Regular	245	50.0
Profissional	245	50.0
Cursos:		
Artes Visuais	54	11.0
Ciências e Tecnologias	71	14.5
Ciências Socioeconómicas	60	12.2
Línguas e Humanidades	60	12.2
Apoio Psicossocial	39	8.0
Auxiliar de Saúde	41	8.4
Eletrónica, Automação e Comando	18	3.7
Gestão do Ambiente	23	4.7
Manutenção Industrial	20	4.1
Multimédia	25	5.1
Proteção Civil	22	4.5
Restauração (cozinha/pastelaria)	19	3.9
Sistemas Informáticos	38	7.8

Procedimentos de recolha de dados. Antes de proceder à recolha dos dados, que decorreu entre janeiro e maio de 2017, obtivemos autorização prévia da Comissão Nacional de Proteção de Dados e da Direção

Geral de Educação do Ministério de Educação e Ciência de Portugal, através do sistema Monitorização de Inquiridos em Meio Escolar. Obtivemos, igualmente, autorização dos diretores das escolas públicas e solicitamos o consentimento dos Encarregados de Educação que leram os objetivos do estudo e assinaram, autorizando o/a seu/sua educando/a na participação no estudo. No início de cada sessão da recolha de dados, os estudantes foram informados do carácter voluntário, confidencial e anónimo da sua participação. Em nenhum dos casos foi atribuída alguma remuneração ou quaisquer outros tipos de incentivos.

Procedimentos de análises estatísticas. O tratamento estatístico contemplou inicialmente a realização de análises preliminares para detetar eventuais erros na inserção dos dados, valores omissos (*missings*) e possíveis valores discrepantes (*outliers*). Estas análises preliminares foram úteis no que respeita à verificação da existência ou não de desvios graves da normalidade, assimetria e curtose. Efetuámos também a recodificação dos itens invertidos presentes na escala. Posteriormente, dedicamos a nossa atenção à análise das propriedades de medida das respostas dos participantes na escala utilizada. Calculámos as frequências, com a finalidade de descrever a amostra, e as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) para a escala total e as subescalas. De seguida, apresentámos os resultados das estimativas de precisão (consistência interna) da escala total e respectivas subescalas. Num momento subsequente procedeu-se ao exame das correlações entre as subescalas e entre estas e a escala total, tendo em vista perceber o grau de sobreposição entre elas. Por fim, recorremos a análises diferenciais, realizando testes de *t Student*, para comparar médias entre grupos considerando algumas das variáveis sociodemográficas, para atestar a validade discriminante da escala. Todas as análises foram executadas com recurso ao programa IBM *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS* para Windows (versão 22.0). Nas análises efetuadas o nível de significância estatística, usado para controlo do erro de tipo I, foi fixado em 1%.

Resultados

Calculámos as médias e respetivos desvios-padrão da escala e subescalas (ver Tabela 2). A escala total e as subescalas registaram os seguintes valores de média: EET ($M = 103.00$; $DP = 7.48$); Agência ($M = 38.48$; $DP = 3.22$), Trajetórias ($M = 34.00$; $DP = 2.92$); Objetivos ($M = 30.19$; $DP = 2.54$). Estes resultados são bastante inferiores aos resultados reportados pelas autoras da escala: WHS ($M = 132.09$; $DP = 22.10$); Agency ($M = 50.54$; $DP = 9.00$), Pathways ($M = 43.77$; $DP = 7.13$); Goals ($M = 37.77$; $DP = 7.40$). Contudo, estes resultados são superiores aos resultados obtidos por Atanásio, Paixão & Silva (2003) com uma amostra de participantes a frequentar cursos Educação e Formação de Adultos (EFA).

Determinámos a consistência interna da escala e de cada um dos seus componentes (ver última coluna da Tabela 2). Os valores de alfa de Cronbach obtidos foram: EET = .84; Agência = .70; Trajetórias = .65; Objetivos =

.59. Estes resultados são genericamente inferiores aos resultados reportados pelas autoras do estudo original (WHS = .93; Agency = .87; Pathways = .68; Goals = .81). No entanto, são ligeiramente superiores aos resultados apresentados pelos autores do estudo da versão portuguesa para a escala total (.80), não tendo sido indicados os resultados para as subescalas.

Tabela 2.
Médias, DP e Alfas de Cronbach da EET e subescalas

Escalas	Nº Itens	Média	DP	Alfa
EET	24	103.00	7.48	0.84
Agência	9	38.48	3.22	0.70
Trajetórias	8	34.00	2.92	0.65
Objetivos	7	30.19	2.54	0.59

De seguida, procedemos à análise das intercorrelações entre as subescalas e entre a escala total e as subescalas, que podem ser examinadas na Tabela 3. No que diz respeito à EET observaram-se relações positivas e estatisticamente significativas com as subescalas: Agência ($r = .89^{**}$, $p < .01$); Trajetórias ($r = .86^{**}$, $p < .01$); Objetivos ($r = .83^{**}$, $p < .01$). No que concerne à subescala Agência verificaram-se relações positivas e estatisticamente significativas com Trajetórias ($r = .64^{**}$, $p < .01$) e Objetivos ($r = .61^{**}$, $p < .01$). No que se refere à subescala Trajetórias registou-se uma relação positiva e estatisticamente significativa com Objetivos ($r = .57^{**}$, $p < .01$). Estes resultados são inferiores aos obtidos por Juntunen e Wettersten (2006) entre WHS e Goals ($r = .95^*$, $p < .01$) e superiores entre WHS e Agency ($r = .84^*$, $p < .01$) e Pathways ($r = .83^*$, $p < .01$).

Tabela 3.
Matriz de correlações entre a EET e as subescalas

Subescalas	EET	Agência	Trajetórias
Agência	.89**	-	
Trajetórias	.86**	.64**	-
Objetivos	.83**	.61**	.57**

** A correlação é significativa ao nível .01

Finalmente, foi realizado o teste-t *Student* não emparelhado para amostras independentes, para testar a hipótese da existência de diferenças na esperança no trabalho dos estudantes em função do sexo e da via de ensino. No que diz respeito ao sexo (ver Tabela 4), observaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível das subescalas: Trajetórias ($t = 2.500$, $p < .001$); Agência ($t = 1.666$, $p = .007$); Objetivos ($t = 1.064$, $p = .174$). Os participantes do sexo masculino foram os que apresentaram valores superiores de esperança.

Tabela 4.
Validade discriminante (sexo)

Subescalas	Sexo	n	M	DP	t	p
Agência	M	235	38.73	2.94	1.666	.007
	F	255	38.24	3.45		
Trajetórias	M	235	34.34	2.56	2.500	.000
	F	255	33.68	3.21		
Objetivos	M	235	30.32	2.41	1.064	.174
	F	255	30.07	2.66		

Relativamente à via de ensino (ver Tabela 5), verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível das diferentes subescalas: Agência ($t = 6.624, p < .001$); Objetivos ($t = 5.140, p < .001$); Trajetórias ($t = 4.520, p < .001$). Os sujeitos que frequentavam os Cursos Humanísticos foram os que apresentaram valores mais elevados de esperança.

Tabela 5.
Validade discriminante (via de ensino)

Subescalas	Via ensino	n	M	DP	t	p
Agência	Regular	245	39.40	2.32	6.624	.000
	Profissional	245	35.55	3.70		
Trajetórias	Regular	245	34.58	2.36	4.520	.000
	Profissional	245	33.41	3.30		
Objetivos	Regular	245	30.77	1.20	5.140	.000
	Profissional	245	29.62	2.88		

Discussão

O objetivo deste estudo era analisar a dimensionalidade da Escala Esperança no Trabalho com alunos a frequentar o ensino secundário. Tendo recorrido a um instrumento já adaptado para a população portuguesa (*Work Hope Scale - WHS*: Juntunen & Wettersten, 2006; Escala Esperança no Trabalho - EET: Atanásio, Paixão & Silva, 2013) no âmbito do presente estudo, este revelou-se adequado na recolha de informação relativamente às variáveis em estudo.

Calculámos as estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) para a escala e subescalas e apurámos que os participantes deste estudo revelaram possuir uma elevada esperança no trabalho, tendo em conta a média obtida com a EET. Em relação às médias das subescalas, Agência foi a que pontuou maior valor de média, seguida de Trajetórias e Objetivos. Face a estes resultados, pode concluir-se que estes estudantes possuem a componente motivacional da esperança e um estado de persistência (Snyder, 2000) que é a Agência, mas possuem menos Objetivos e Trajetórias, sendo que estas dimensões se referem à noção de estar apto para planos bem-sucedidos que vão ao encontro dos objetivos desejados (Snyder et al., 1991).

Apresentámos os resultados das estimativas de precisão (consistência interna). A escala aplicada aos inquiridos no âmbito deste estudo revelou-se psicometricamente adequada para a recolha de informação relativamente às variáveis em estudo, apresentando um nível razoável de consistência interna, variando entre marginalmente aceitável ($\geq .65$) e ótimo ($\geq .84$) na avaliação da esperança no trabalho expressa

pelos sujeitos, e situando-se dentro dos níveis considerados aceitáveis para efeitos de investigação (Nunally & Bernstein, 1994), especialmente para a escala total e para as subescalas Agência e Trajetórias. A exceção verificou-se com a subescala Objetivos que pontuou valores ligeiramente inferiores a .60. Todos os resultados foram inferiores aos resultados reportados por Juntunen e Wettersten, em 2006. Tal situação poderá dever-se ao diferencial de idade: as autoras do estudo original utilizaram amostras diversificadas cujas idades oscilavam entre os 16 e os 62 anos, enquanto no nosso estudo utilizámos uma amostra com estudantes a frequentar o 11º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos. No entanto, os resultados que obtivemos com a nossa amostra foram superiores aos resultados apresentados por Atanásio, Paixão & Silva (2013), cujas idades dos sujeitos situavam-se entre os 18 e os 61 anos de idade. Esta situação poderá ser explicada pelo tipo de ensino: os participantes do estudo da versão portuguesa frequentavam cursos EFA, enquanto os participantes deste estudo frequentavam o ensino secundário

Para avaliar em que medida os resultados da escala são indicativos do constructo teórico subjacente, recolhemos informação quanto à validade de constructo considerando as correlações entre as diferentes dimensões/subescalas do instrumento e entre estas e a escala total. A validade convergente da esperança no trabalho com as dimensões anteriormente mencionadas foi avaliada através do coeficiente de correlação de *Pearson*. Para interpretar os valores de correlações obtidos foi considerada a classificação de Pestana & Gageiro (2003): valores menores que .20 indicam uma associação muito baixa; entre .20 e .39 fraca; entre .40 e .69 moderada; entre .70 e .89 alta; e entre .90 e 1 muito alta. Constatámos que as correlações extraídas variavam entre moderadas e altas, alcançando o nível de significância estatística convencional. Em nossa opinião, estes resultados confirmam o valor avaliativo da EET a esta faixa etária e na área da educação.

Por último, tendo recorrido ao teste *t de Student*, não emparelhado para amostras independentes, para testarmos a hipótese da existência de diferenças na esperança no trabalho dos estudantes em função do sexo e da via de ensino frequentada, verificámos a presença de relações estatisticamente significativas. No que diz respeito ao sexo, os estudantes registaram níveis superiores de esperança em relação às suas colegas, especificamente na dimensão trajetórias. Sujeitos com elevado nível de esperança conseguem gerar trajetórias alternativas para enfrentar os problemas (Snyder, 2000; 1994). No que concerne à via de ensino, os estudantes que frequentavam os Cursos Humanísticos evidenciaram níveis mais elevados de esperança, principalmente na dimensão agência, quando comparados com os seus colegas que frequentavam os Cursos Profissionais. A agência tem um papel fundamental face a obstáculos, ajudando o sujeito a investir na motivação necessária para antecipá-los. Assim, sujeitos com elevada esperança tendem a recorrer a autoafirmações como “Eu consigo!” ou “Não desisto!” (Snyder, 2000).

O presente estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente ao nível da amostra (por ser de conveniência), não podendo assegurar-se a generalização dos resultados para a população portuguesa. Apesar das limitações, podemos concluir que a aplicação da EET a estudantes do ensino secundário permitiu a obtenção de suficientes e bons indicadores psicométricos. No entanto, futuras investigações são necessárias com outro tipo de populações escolares com vista a obter informações válidas acerca da esperança dos jovens que estudam em Portugal.

A esperança no trabalho é um constructo recente (Juntunen & Wettersten, 2006) bem como a escala que a mede. Este constructo só recentemente começou a ser investigado em Portugal e, por isso, verifica-se uma grande escassez de estudos nesta área, principalmente no nosso país. Assim, pensamos que este estudo poderá contribuir para a divulgação do conceito esperança no trabalho na comunidade científica.

Este estudo faz parte de uma investigação longitudinal mais abrangente (comportando dois momentos de recolha de dados) que estamos a realizar acerca da adaptabilidade de carreira e da temporalidade no ensino secundário. Considerando a dimensão temporal da esperança no trabalho, poderá ser importante perceber até que ponto esta pode ser usada como uma estratégia de promoção da adaptabilidade de carreira e da temporalidade em momentos normativos de transição como é o do ensino secundário para o mercado de trabalho e/ou ensino superior.

Juntunen & Wettersten (2006) reconhecem que a esperança, apesar de ser um constructo originário da Psicologia Positiva, tem vindo a assumir-se cada vez mais como um conceito da Psicologia vocacional e de Carreira. Deste modo, a esperança no trabalho pode contribuir para a definição dos objetivos vocacionais bem como para a concretização dos mesmos.

Referencias

- Atanásio, P., Paixão, M. P. & Silva, J. T. (2013). The influence of Future Time Perspective in career decision-making: The mediating role of Work Hope. In M. P. Paixão & J. T. Silva (Coord.) *International Studies in Time Perspective*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0775-7_20
- Diemer, M. A. & Blustein, D. L. (2007). Vocational hope and vocational identity: Urban adolescents' career development. *Journal of Career Assessment*, 15(1), 98-118. <https://doi.org/10.1177/1069072706294528>
- Erickson, R. C., Post, R. D. & Paige, A. B. (1975). Hope as a psychiatric variable. *Journal of Clinical Psychology*, 31, 324-330. [https://doi.10.1002/1097-4679\(197504\)31:2<324:AID-JCLP2270310236>3.0.CO;2-Q](https://doi.10.1002/1097-4679(197504)31:2<324:AID-JCLP2270310236>3.0.CO;2-Q)
- Gum, A. & Snyder, C. R. (2002). Coping with Terminal Illness: The Role of Hopeful Thinking. *Journal of Palliative Medicine*, 5 (6), 883-894. <https://doi.org/10.1089/109662210260499078>
- Jackson, C. C. & Neville, H. A. (1998). Influence of racial identity attitudes on African American college students' vocational identity and hope. *Journal of Vocational Behavior*, 53, 97-113. <https://doi.org/10.1006/jvbe.1997.1611>
- Juntunen, C. & Wettersten, K. (2006). Work hope: Development and Initial Validation of a Measure. *Journal of Counselling Psychology*, 53(1), 94-106. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0167.53.1.94>
- Kenny, M. E., Walsh-Blair, L. Y., Blustein, D. L., Bempechat, J. & Seltzer, J. (2010). Achievement motivation among urban adolescents: Work hope, autonomy support, and achievement-related beliefs. *Journal of Vocational Behavior*, 77, 205-212. www.elsevier.com/locate/10.1016/j.jvb.2010.02.005
- Nunnally, J. C. & Bernstein, I. H. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed). New York: McGraw-Hill. ISBN: 0-07-047849-X
- Pedrotti, J., Edwards, L. M. & Lopez, S. J. (2008). Promoting Hope: Suggestions for School Counsellors. *Professional School Counselling*, 12(2), 100-107. <https://doi.org/10.5330/PSC.n.2010-12.100>
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para as ciências sociais: a complementaridade do SPSS. (3ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo. ISBN: 978-972-618-775-2
- Peterson, S. J. & Byron, K. (2008). Exploring the role of hope in job performance: Results from four studies. *Journal of Organizational Behavior*, 29(6), 785-803. www.interscience.wiley.com/doi/10.1002/job.492
- Snyder, C. R. (1994). *The psychology of hope: You can get there from here*. New York: Free Press. ISBN: 002929715X
- Snyder, C. R. (Ed.). (2000). *Handbook of hope: Theory, measures, and applications*. San Diego, CA: Academic Press. ISBN: 978-0-12-654050-5
- Snyder, C. R., Cheavens, J. & Michael, S. T. (1999). Hoping. In C. R. Snyder (Ed.), *Coping: The psychology of what works* (pp. 205-231). New York: Oxford University Press. ISBN: 9780195119343
- Snyder, C. R., Harris, C., Anderson, J. R., Holleran, S. A., Irving, L. M., Sigmon, S. T., ... Harney, P. (1991). The Will and the Ways: Development and Validation of an Individual-Differences Measure of Hope. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(4), 570-585. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.4.570>
- Snyder, C. R., Hoza, B., Pelham, W. E., Rapoff, M., Ware, L., Danovsky, M., ... Stahl, K. (1997). The Development and validation of the Children's Hope scale. *Journal of Pediatric Psychology*, 22(3), 399-421. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/22.3.399>
- Snyder, C. R., Shorey, H. S., Cheavens, J., Pulvers, K. M., Adams III, V. H. & Wiklund, C. (2002). Hope and academic success in college. *Journal of Educational Psychology*, 94(4), 820-826. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.94.4.820>
- Snyder, C. R., Sympson, S. C., Ybasco, F. C., Borders, T. F., Babyak, M. A. & Higgins, R. L. (1996). Development and validations of the State of Hope scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 321-335. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.70.2.321>
- Staats, S. (1989). Hope: A comparison of two self-report measures for adults. *Journal of Personality*

Assessment, 53(2), 366-375.
http://dx.doi.org/10.1207/s15327752jpa5302_13